



Terras raras

Recursos minerais estratégicos com grande potencial de exploração na América do Sul

Energia, Recursos Naturais • Janeiro 2026



Este relatório foi desenvolvido pelos principais sócios-líderes do setor, em coordenação com a equipe de Marketing e Comunicação da KPMG na América do Sul.

Conteúdo e Aspectos Técnicos:
Manuel Fernandes

Design e layout:
Alexander Buendía // Marianna Urbina

Análises e Redação:
Matias Cano // Ricardo Lima

Coordenação:
Florenzia Perotti

Conteúdo



03 Introdução



05 I. O quadro global e o potencial da América do Sul



10 Considerações finais



11 Referências bibliográficas



12 Contatos

Legenda dos botões:  Ir para o conteúdo   Voltar - Avançar

As terras raras (*Rare Earth Elements* - REEs) se tornaram um recurso estratégico indispensável para a transição energética global e o desenvolvimento tecnológico avançado. Esses elementos são essenciais para a fabricação de ímãs permanentes usados em turbinas eólicas, motores de veículos elétricos e dispositivos eletrônicos, entre outras finalidades.

Apesar de sua relativa abundância, são considerados “raros” porque sua extração e seu processamento apresentam desafios técnicos, econômicos e ambientais, o que levou a uma alta concentração de produção global em alguns países e, consequentemente, a vulnerabilidades nas cadeias de suprimentos.

A América do Sul (especialmente o Brasil, que possui as segundas maiores reservas mundiais de REEs, mas ocupa a 12ª posição na produção) enfrenta uma oportunidade histórica de fechar essa lacuna e consolidar sua presença como um player relevante no mercado global.

Esta publicação analisa o contexto internacional de demanda e oferta, descobertas recentes e as vantagens comparativas que poderiam permitir à América do Sul liderar a reconfiguração das cadeias de suprimentos de minerais críticos dentro do quadro de uma transição energética justa e sustentável.

Introdução

De acordo com a Agência Internacional de Energia (*International Energy Agency* - IEA), minerais críticos são insumos essenciais para o desenvolvimento de tecnologias avançadas de energia e para a sustentação da economia global. Em seu relatório mais recente (*Global Critical Mineral Outlook*, IEA, 2025), a agência ressalta que, embora minerais como lítio, níquel, cobalto, manganês e grafite sejam essenciais na fabricação de baterias, e alumínio e cobre sejam indispensáveis para a expansão e a manutenção das redes elétricas, as terras raras estão se tornando estrategicamente importantes na produção de dispositivos eletrônicos e na promoção de fontes de energia limpa.

As terras raras compreendem um conjunto de 17 elementos químicos metálicos — lantânio, cério, praseodímio, neodímio, prometíio, samário, europíio, gadolínio, térbio, disprósio, homónio, érbio, tulício, íterbio, lutécio, escândano e ítrio — dotados de propriedades magnéticas, luminescentes e eletroquímicas que os tornam insumos críticos para uma ampla gama de aplicações tecnológicas (GUPTA & KRISHNAMURTHY, 2005). Em particular, neodímio, disprósio, praseodímio e térbio são atualmente os elementos mais requisitados desse conjunto, por seu papel essencial na produção de ímãs permanentes usados em turbinas eólicas e motores de veículos elétricos.

Apesar do nome, esses elementos não são “terras” nem necessariamente “raros”. O termo vem de um estágio inicial da química, no qual esses elementos só podiam ser identificados por meio de seus óxidos, chamados “terras”, e no qual seu isolamento representava um desafio considerável devido a limitações técnicas e ao desenvolvimento incipiente da disciplina (CASTOR & HEDRICK, 2006).

Hoje, embora a química tenha avançado significativamente, o processo de separação e refino das terras raras continua sendo altamente complexo, caro e, em muitos casos, ambientalmente problemático, devido ao uso de materiais radioativos e reagentes ácidos em sua extração e no processamento subsequente.

No entanto, assim como ocorre com outros minerais estratégicos, a demanda por terras raras tem experimentado crescimento sustentado nos últimos anos, impulsionada por fatores como transição energética, processos de descarbonização, incorporação de fontes renováveis nas matrizes energéticas dos países e, mais recentemente, pelo crescimento da eletromobilidade e da inteligência artificial (IEA, 2025; USGS, 2024).

Para ilustrar essa tendência, basta notar que, em 2024, a demanda por lítio disparou 30%, superando a média registrada entre 2010 e 2020 em dez pontos percentuais; ou que a média de níquel, cobalto, grafite e terras raras cresceu entre 6% e 8% no mesmo ano, o que pode ser atribuído ao aumento da produção de veículos elétricos e baterias e do impulsionamento global do mercado de energias renováveis (ENERGY INSIGHTS, 2025).

Em termos de oferta, o mercado é muito concentrado geograficamente. A China está posicionada como a maior produtora mundial de terras raras, com uma produção de 270 mil toneladas em 2024, seguida pelos Estados Unidos (45 mil toneladas), Tailândia e Austrália (13 mil toneladas cada). Assim, a China atualmente contribui com aproximadamente 70% da produção global em estado bruto, enquanto os demais países mencionados contribuem com cerca de 19%.

A alta concentração refletida nesses números é agravada pela incidência de eventos disruptivos que afetam a estabilidade das cadeias globais de suprimentos. Esses fatores incluem tensões geopolíticas, crises regionais, conflitos armados, disputas comerciais e eventos climáticos extremos, todos capazes de gerar interrupções significativas no fluxo de minerais críticos, afetando preços e aumentando incertezas e dificuldades no que tange ao planejamento estratégico das empresas envolvidas na extração e no processamento desses recursos.

Nas últimas décadas, houve múltiplos episódios que ilustram essa vulnerabilidade estrutural: enchentes que paralisaram operações de mineração, restrições comerciais impostas por países produtores, conflitos armados que interromperam o fornecimento e, mais recentemente, a pandemia de covid-19, que afetou severamente a logística internacional.

Esses desenvolvimentos destacaram a necessidade urgente de diversificar as fontes de fornecimento e de fortalecer a resiliência das cadeias de valor (MANCHERL et al., 2019).

Nesse cenário, uma oportunidade estratégica sem precedentes se abre para aqueles países que possuem reservas significativas ainda não exploradas, como Brasil e Argentina, cuja incorporação ativa poderia contribuir para a redução de riscos e a reconfiguração do mapa global de minerais críticos.

Após realizar uma revisão sintética do setor e de sua crescente relevância estratégica no contexto da transição energética global, é pertinente examinar o papel que a América do Sul poderia desempenhar nesse mercado, considerando que a região abriga alguns dos países com as maiores reservas de terras raras ainda não exploradas, especialmente o Brasil.

A seção a seguir aborda essa questão, com base na análise dos dados mais recentes sobre projeções de produção e consumo de terras raras associadas a setores-chave como eletromobilidade e geração eólica.

Da mesma forma, as principais oportunidades de extração na América do Sul são identificadas – principalmente concentradas no Brasil e na Argentina, já que, na época deste trabalho, não havia estimativas conhecidas ou reservas significativas identificadas em outros países da região – com base em suas reservas geológicas e no potencial de desenvolvimento, que poderiam posicionar a região como fornecedora estratégica em um mercado caracterizado por alta concentração e vulnerabilidade geopolítica.

A publicação conclui com uma série de considerações voltadas a delinear um roteiro, considerando vantagens comparativas, capacidades acumuladas de mineração e o potencial latente da América do Sul para se consolidar como um *player* relevante nesse segmento crítico da mineração global.

I. O quadro global e o potencial da América do Sul

A análise da evolução da produção global de terras raras entre 2014 e 2024 revela uma concentração geográfica marcada e dinâmicas de crescimento irregulares. Em 2024, o fornecimento global atingiu 380 quilotoneladas (kT), com uma taxa de crescimento anual que foi média de 3% na última década (Figura 1).

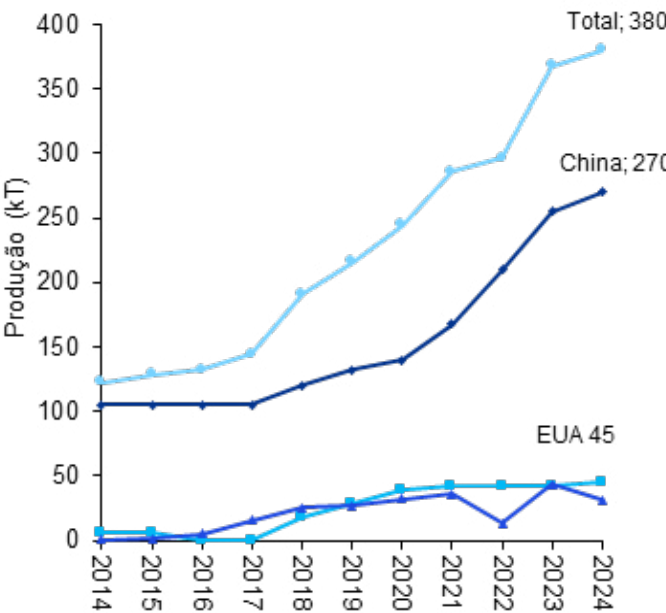
No entanto, uma análise mais aprofundada dos dados revela que esse crescimento está distribuído de forma desigual. Enquanto China concentra 71% da oferta global, com uma produção que, no ano passado (2024), atingiu 270 kT – e uma taxa de crescimento sustentada de 6% ao ano, que permite ao país asiático manter uma vantagem estratégica sobre outros produtores –, os Estados Unidos aparecem em segundo lugar com uma produção de 45 kT (ou 12% da oferta global) e uma taxa de crescimento de 8%, que coroando uma etapa de expansão acelerada que se iniciou em 2018, quando a produção norte-americana de terras raras passou de 18 kT para os níveis atuais.

Esse dinamismo na produção de REEs reflete não apenas a intenção dos EUA de reduzir a dependência externa e fortalecer a segurança em seu fornecimento, mas também o quadro de rivalidade geoestratégica em relação à China.

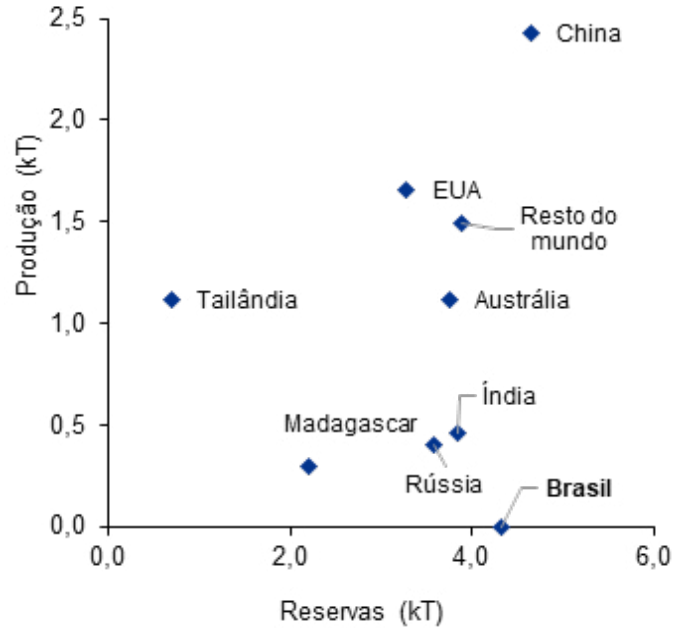
Mais atrás da China e dos EUA, que juntos representam 83% do fornecimento global, estão a Austrália e a Tailândia, com produção de 13 kT cada (+3%). Porém, as trajetórias desses países são diferentes, tendo em vista que, enquanto a primeira registrou uma queda de 19% em 2024, a segunda apresentou um crescimento explosivo de 261% – ainda que tenha partido de uma base inicial muito menor (3,6 kT). Outros países, como Índia, Rússia e Madagascar, mantêm participações marginais (1% cada), sem apresentar variações significativas na última década.

Figura Nº 1
Produção e Reservas de REEs. Dados globais.

a) Produção de REEs
(em kT)



b) Produção vs Reservas de REEs (2024)
(em escala logarítmica)



Fonte: Elaboração dos autores baseada no Serviço Geológico dos EUA (USGS), 2025.

Uma descoberta adicional que emerge desta análise é a marcante desconexão entre os níveis de reservas e a produção efetiva. Como pode ser visto no painel b da Figura 1, a China está localizada no quadrante superior direito do gráfico de dispersão, combinando altos níveis de produção (270 kT) com reservas extraordinárias (44.000 kT).

Em contraste, os Estados Unidos e a Austrália têm valores médios de produção, mas com reservas significativamente menores, o que de alguma forma limita sua capacidade de expansão futura.

Por outro lado, o gráfico revela um fato particularmente relevante para os objetivos deste trabalho: o Brasil se destaca na ala inferior direita, com reservas massivas (21.000 kT) e níveis de produção praticamente nulos. Essa situação ressalta o enorme potencial estratégico inexplorado tanto neste país quanto em outros, como a Argentina, onde estudos recentes (ZAPPETTINI, 2022) confirmam a existência de reservas significativas identificadas e, especialmente, reservas potenciais que poderiam posicionar o país sul-americano como um fornecedor-chave no futuro mercado de terras raras.

O padrão observado confirma que a concentração da produção não responde apenas à disponibilidade geológica, mas também a fatores como infraestrutura, tecnologia, governança e políticas industriais. Em outras palavras, à luz dos casos do Brasil e da Argentina, a lacuna entre reservas e produção na América do Sul constitui uma oportunidade clara para diversificar as cadeias globais de suprimentos e reduzir a dependência da China, desde que sejam implementadas políticas e estratégias voltadas ao desenvolvimento desse setor.

Nesse cenário, Brasil e Argentina já avançam com projetos voltados para a exploração de minerais críticos e terras raras, consolidando seu papel na mineração estratégica. A região, de fato, tem um histórico sólido.

O Chile é o maior produtor mundial de cobre, o Peru está em segundo lugar na região (embora globalmente esteja atrás da República Democrática do Congo) e tanto a Argentina quanto o

Brasil figuram entre os 20 maiores produtores globais desse mineral. Além disso, Bolívia, Argentina e Chile compõem o chamado *Triângulo do Lítio*, que concentra cerca de 65% das reservas mundiais e contribui com aproximadamente 33% da produção global, reforçando a relevância da América do Sul na transição energética.

O Brasil, por sua vez, se destaca não apenas como o maior produtor mundial de nióbio e segundo maior produtor de grafite, mas também por sua liderança em níquel, lítio e silício. Também convém destacar um fator decisivo: a segunda maior reserva de terras raras do mundo fica no Brasil, o que nos torna uma fonte estratégica fora da órbita da China.

Nesse sentido, um estudo recente da *Brazilian Rare Earths* (BRE, 2025)¹ identificou depósitos de alto teor na Bahia e Minas Gerais, o que impulsionou projetos de extração com resultados que, a priori, parecem excepcionais. Entre eles, sobressai Monte Alto, com concentrações de até 45,7% do total de óxidos de terras raras (TREO), incluindo 69.558 partes por milhão (ppm) de NdPr (neodímio e praseodímio) e 11.696 ppm de DyTb (disprósio e térbio).

O estudo também destacou outros projetos relevantes, como os de Velhinhas (40,5% TREO), Pelé (20,7%) e Sulista (22,4%). De acordo com o BRE, testes metalúrgicos preliminares mostram uma recuperação de até 94% do TREO sob condições amenas de lixiviação, o que reduziria os custos operacionais e a complexidade técnica na extração e no processamento do minério, além de confirmar a possibilidade de produzir coprodutos valiosos, como urânio, nióbio, tântalo e escândio.

Embora não haja projeções precisas sobre a produção futura, a combinação de reservas abundantes, investimentos crescentes e planos para estruturar uma cadeia produtiva robusta, somada ao fato de o Brasil ser a oitava maior economia do mundo, com instituições estáveis e uma indústria próspera e diversificada, permite antecipar um cenário favorável à sua consolidação como fornecedor estratégico no mercado global de terras raras.

¹ *Terras Raras de Ultra-Alto Grau com Atualização de Escala de Província. Brazil Rare Earths (BRE), maio de 2025.*

A Argentina compartilha a mesma lógica e oportunidade. A mineração é um setor-chave para sua economia, tanto pelo potencial de contribuição ao PIB e às exportações quanto pela geração de empregos diretos e indiretos.

No entanto, o desenvolvimento atual está muito aquém do potencial geológico disponível, o que posiciona o país como um dos *players* com maior margem de crescimento. Esse potencial se reflete no dinamismo das exportações de minerais críticos como lítio, ouro, prata e cobre, bem como na existência de depósitos significativos de terras raras.

Segundo o Serviço de Mineração Geológica da Argentina², a Argentina possui 190 mil toneladas identificadas de terras raras e cerca de 3,3 milhões de toneladas potenciais, destacando-se os depósitos confirmados em Rodeo de los Molles (San Luis), Sierra Grande (Río Negro) e La Aurelia (Salta), assim como os potenciais depósitos em Carbonatitas Mesopotamia e Sierras Pampeanas, cada um com mais de 1,5 milhão de toneladas estimadas.

A Argentina possui ainda outros depósitos identificados com estimativas menores e pontos não avaliados, como o Vale Fértil, na província de San Juan, e mineralizações secundárias em Córdoba e San Luis, além das concentrações de argila na província de Buenos Aires.

A tudo isso soma-se a existência de um ambiente legislativo favorável, impulsionado por normas como a Lei das Bases e o Regime de Grandes Investimentos (RIGI), que posicionam o país como um destino atraente para investimentos em um setor com potencial para se tornar um motor de desenvolvimento econômico (Conciencia Minera, 2024).

A combinação entre a magnitude das reservas identificadas e potenciais na região e a crescente demanda global impulsionada pela eletromobilidade e energias renováveis cria uma oportunidade histórica para que a América do Sul, como um todo, se consolide como um *player* estratégico nesse mercado.

² Zappettini, E. (2022). *Elementos de terras raras. Visão geral e avaliação do potencial na República Argentina*. Serviço de Mineração Geológica Argentina (SEGEMAR).

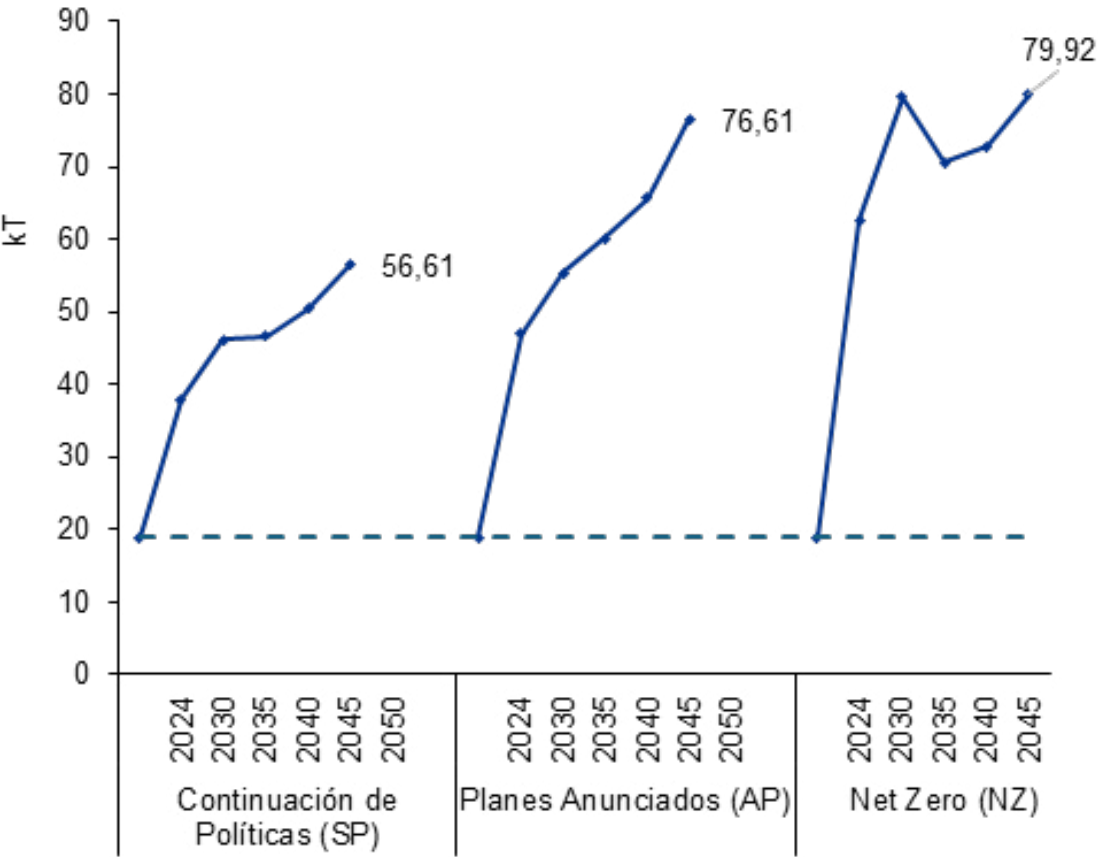


De fato, as projeções mais recentes da Agência Internacional de Energia (IEA, 2025)³ confirmam essa tendência: a demanda por terras raras críticas para tecnologias limpas – neodímio, disprósio, praseodímio e térbio – crescerá de forma constante até 2050, com variações conforme o cenário analisado (Figura 2).

Assim, enquanto em um cenário de continuidade das políticas atuais (SP) a demanda poderia passar de 19 kT (em 2024) para 57 kT (em 2050), no cenário que contempla a incorporação dos compromissos anunciados pelos países (AP), a demanda poderia alcançar 77 kT; já no cenário de neutralidade de carbono (NZ), ela atingiria 80 kT. Não surpreendentemente, esse aumento, impulsionado sobretudo pela eletrificação do transporte e pela expansão da energia eólica, exercerá uma pressão sem precedentes sobre a cadeia global de suprimentos.



Figura Nº 2
Demanda por REEs para tecnologias e cenários limpos. Dados globais.
(em quilotons)



Fonte: Elaboração dos autores baseada no IEA e no Serviço Geológico dos EUA (USGS), 2025.

³ Análise do Mercado de Minerais Críticos 2025. Agência Internacional de Energia. IEA. (2025)

O desafio é claro: mais de 70% da produção atual está concentrada na China, o que gera riscos geopolíticos e vulnerabilidades estratégicas que, somados à complexidade técnica da extração e do processamento, podem comprometer as metas climáticas e o fornecimento.

Esses elementos reforçam a necessidade de diversificar as fontes de produção, especialmente no cenário de neutralidade de carbono, no qual a penetração massiva de veículos elétricos e a instalação acelerada de parques eólicos exigirão volumes sem precedentes de terras raras, forçando a economia global a considerar estratégias complementares, como a reciclagem de ímãs, o desenvolvimento de tecnologias substitutivas e a implementação de uma economia circular orientada à recuperação de materiais críticos.

Ao mesmo tempo, a crescente vulnerabilidade das cadeias de suprimentos diante de eventos disruptivos — tensões geopolíticas, crises regionais, volatilidade de preços e eventos climáticos extremos — evidencia a necessidade de adotar estratégias que fortaleçam a resiliência do sistema global. Neste momento, a América do Sul oferece vantagens comparativas significativas para contribuir para a reconfiguração dessas cadeias por meio de ações-chave, como:

- **Diversificação geográfica do fornecimento:** a alta concentração de produção na China representa um risco estrutural. A América do Sul, com reservas ainda não exploradas em países como Brasil e Argentina, pode reduzir a dependência dos mercados dominantes e melhorar a segurança do fornecimento global.
- **Desenvolvimento de capacidades locais de processamento:** a região tem experiência em mineração, infraestrutura básica e capital humano, que podem facilitar a instalação de usinas de refino e agregar valor na origem, reduzindo assim gargalos e gerando empregos qualificados (CAF, 2025).
- **Promoção da economia circular:** por meio da implementação de políticas de reciclagem para componentes eletrônicos, baterias e motores elétricos, que podem complementar o suprimento primário e reduzir a pressão sobre os recursos naturais. Nesse sentido, a crescente urbanização e geração de resíduos tecnológicos na região abrem oportunidades para recuperar minerais estratégicos (SEGEMAR, 2024; CAF, 2025).

- **Incorporação da análise de riscos no planejamento de mineração:** mediante a integração de variáveis geopolíticas, climáticas e econômicas nas análises de riscos e no planejamento, é possível antecipar interrupções e desenhar mecanismos de resposta para garantir a estabilidade das cadeias de suprimentos (CONCIENCIA MINERA, 2024).

Essas iniciativas, acompanhadas de padrões ambientais e sociais que garantem rastreabilidade e certificação ESG, poderiam não apenas mitigar riscos inerentes à cadeia de suprimentos, mas também posicionar a América do Sul como um fornecedor confiável e sustentável na transição energética global. No entanto, capitalizar essas vantagens exigirá planejamento estratégico, cooperação regional e uma visão de longo prazo que articule o desenvolvimento econômico com a sustentabilidade ambiental.



Considerações finais

A América do Sul encontra-se diante de uma oportunidade histórica para redefinir seu papel no mercado global de terras raras, um segmento crítico para a transição energética e o desenvolvimento tecnológico avançado. A região apresenta claras vantagens comparativas: reservas abundantes no Brasil e na Argentina, experiência mineradora consolidada e liderança em outros minerais estratégicos, como cobre e lítio.

No entanto, persiste uma lacuna significativa entre o potencial geológico e a produção real, refletindo limitações em infraestrutura, tecnologia e políticas industriais. Essa lacuna, longe de ser um obstáculo intransponível, constitui o ponto de partida para uma estratégia regional voltada para a industrialização e a integração nas cadeias de valor globais.

A concentração da produção global na China, que ultrapassa 70%, e a crescente vulnerabilidade das cadeias de suprimentos a tensões geopolíticas, volatilidade de preços e eventos climáticos extremos, reforçam a necessidade de diversificar as fontes de suprimentos.

Nesse contexto, a América do Sul pode desempenhar um papel decisivo se conseguir articular um roteiro que combine exploração sistemática, desenvolvimento tecnológico e cooperação regional.

Esse roteiro deve contemplar, em primeiro lugar, a geração de informações geológicas sob padrões internacionais, uma condição essencial para atrair investimentos e reduzir a incerteza sobre a real disponibilidade de recursos. Em segundo lugar, é necessário avançar na instalação de capacidades

locais para o processamento e o refinamento das terras raras, evitando reproduzir o padrão histórico das exportações primárias e promovendo a captura do valor agregado na fonte.

Da mesma forma, a região deve incorporar estratégias de mitigação que fortaleçam a resiliência das cadeias de suprimentos, incluindo a diversificação geográfica do fornecimento, a promoção da economia circular por meio da reciclagem de componentes tecnológicos e a integração da análise de riscos geopolíticos e climáticos no planejamento da mineração.

Essas ações, complementadas por padrões ambientais e sociais que garantem rastreabilidade e certificação ESG, consolidarão uma posição competitiva em mercados que privilegiam a sustentabilidade.

Por fim, a incorporação ativa da América do Sul ao mercado de terras raras não pode se limitar à fase extrativa. A diversificação em estágios intermediários e posteriores da cadeia de valor, como a produção de ímãs permanentes e ligas avançadas, é a única forma de garantir benefícios econômicos e tecnológicos de longo prazo.

Dessa forma, a região não apenas contribuirá para reduzir a dependência global dos fornecedores dominantes, mas também se posicionará como um ator estratégico na transição para economias de baixo carbono, articulando o desenvolvimento industrial com a sustentabilidade ambiental e a cooperação internacional.

Referências bibliográficas

- Banco de Desarrollo de América Latina y el Caribe (CAF). 2025. El gran potencial de los minerales críticos en América Latina. CAF. 28 de agosto de 2025.
- Binnemans, K., Jones, P. T., Blanpain, B., Van Gerven, T., Yang, Y., Walton, A., & Buchert, M. (2013). Recycling of rare earths: a critical review. *Journal of Cleaner Production*, 51, 1–22.
- Brazil Rare Earths (BRE). (2025). Ultra-High Grade Rare Earths with Province Scale Update. Brazilian Rare Earths.
- Castor, S. B., & Hedrick, J. B. (2006). Rare earth elements. *Industrial Minerals*, 7(1), 1–10.
- Conciencia Minera. (2024). La gestión del riesgo en la cadena de suministro: clave para el futuro de la minería en Argentina. 31 de agosto de 2024.
- Energy Insights. (2025). Global Mineral Demand Report. Energy Insights Publications.
- Golev, A., Scott, M., Erskine, P. D., Ali, S. H., & Ballantyne, G. R. (2014). Rare earths supply chains: Current status, constraints and opportunities. *Resources Policy*, 41, 52–59.
- Gupta, C. K., & Krishnamurthy, N. (2005). Extractive metallurgy of rare earths. CRC Press.
- IEA. (2025). Critical Minerals Market Review 2025. International Energy Agency.
- Mancheri, N. A., Sprecher, B., Bailey, G., Geipel, J., & Tukker, A. (2019). Effect of Chinese policies on rare earth supply chain resilience. *Resources Policy*, 63, 101450.
- Massari, S., & Ruberti, M. (2013). Rare earth elements as critical raw materials: Focus on international markets and future strategies. *Resources Policy*, 38(1), 36–43.
- Pirraglia, L. (2024). Reciclado de minerales y economía circular: un enfoque preliminar. Servicio Geológico Minero Argentino (SEGEMAR)
- USGS. (2024). Mineral Commodity Summaries 2024: Rare Earths. United States Geological Survey.
- Zappettini, E. (2022). Elementos de tierras raras. Panorama General y evaluación del potencial en la República Argentina. Servicio Geológico Minero Argentino (SEGEMAR).
- Zappettini, E. (2021). Minerales y metales críticos y estratégicos. Análisis de situación y metodología de clasificación para la República Argentina. Servicio Geológico Minero Argentino (SEGEMAR).



Contato



Manuel Fernandes

Sócio-líder do setor de Energia
e Recursos Naturais da KPMG
no Brasil e na América do Sul
mfernandes@kpmg.com.br

kpmg.com/socialmedia



© 2026 KPMG Auditores Independentes Ltda., uma sociedade simples brasileira, de responsabilidade limitada e firma-membro da organização global KPMG de firmas-membro independentes licenciadas da KPMG International Limited, uma empresa inglesa privada de responsabilidade limitada. Todos os direitos reservados.COM211255

O nome KPMG e o seu logotipo são marcas utilizadas sob licença pelas firmas-membro independentes da organização global KPMG.